

DANÇANDO E FREVENDO COM A
TURMA ELZA SOARES: CENAS DE
UMA TEMATIZAÇÃO DO FREVO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Alice Gomes Signorelli

Leonardo de Carvalho Duarte





Ano letivo de 2019 iniciando e um mundo de possibilidades para a turma Elza Soares, assim batizada em virtude da proposta coletiva do Projeto Especial de Ação (PEA) que intencionou apoiar-se na vida e obra de mulheres negras⁵¹, com reconhecida influência e contribuição na cultura brasileira. Essa escolha foi realizada para nutrir os projetos e as experiências produzidas com as crianças ao longo do ano, com o objetivo de potencializar ações educativas para a promoção da equidade de gênero e raça

A EMEI Nelson Mandela, é uma escola pública municipal de Educação Infantil, localizada no bairro do Limão, na zona Norte da cidade de São Paulo. Cada turma é constituída por uma média de trinta crianças, de quatro, cinco e seis anos de idade, que chegam à escola às 8:00 e permanecem até as 16:00.

As crianças dividem o tempo e os espaços com duas professoras, uma em cada turno (matutino, 8h às 12h e vespertino, 12h às 16h) e com toda comunidade escolar, as crianças das outras turmas, as outras professoras e educadoras (da limpeza, cozinha, secretaria, equipe de apoio) e com a família Abayomi, bonecos de pano, que participam e mobilizam vivências no currículo da escola.

⁵¹ No ano de 2019 todas as turmas da escola foram batizadas com nomes de mulheres negras, personagens importantes para a cultura brasileira. Além de Elza Soares, foram homenageadas, Ivone Lara, Leci Brandão, Dandara dos Palmares, Clementina de Jesus, Lia de Itamaracá e Sandra de Sá. Além de dar nome aos grupos, as vidas e obras dessas mulheres foram acessadas pelas crianças nos diferentes territórios de aprendizagem e conduziram as investigações e atividades dos projetos didáticos em cada turma.

Reunimos nesse texto, narrativas docentes produzidas a partir de diferentes registros, fragmentos e vozes que permearam o cotidiano escolar. Por vezes, as atividades relacionadas ao território de cultura corporal⁵² transbordaram para outros momentos, como para situações relacionadas ao projeto didático e outros territórios de aprendizagem³, evidenciando a potência da transversalidade.

Nos primeiros dias do ano, observamos as gestualidades dentro e fora da sala de convivência, considerando as propostas e objetivos do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do Projeto Especial de Ação (PEA), identificamos as práticas corporais tematizadas no ano anterior e aquelas que estão mais e menos presentes no cotidiano das crianças da turma.

Essas ações abriram um universo de possibilidades, contudo de forma especial, a gestualidade de uma criança que dançava em muitos momentos durante o dia (quase todo o tempo em que estava na sala de convivência e em todos os outros territórios da escola) e conseqüentemente, mobilizava a turma, levou-nos a escolher a dança como tema de estudo e a redigir como objetivos iniciais da tematização: a) vivenciar diferentes tipos de danças e b) ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre a dança.

Após as escolhas, seguiram-se ocasiões de oportunizar tempos e espaços diferentes para as crianças dançarem. Selecionamos músicas de diversos estilos e artistas, reproduzimos com apoio de uma caixa de som e o próprio celular e convidamos as crianças para dançar em diferentes locais, como, na própria sala de convivência, na quadra, no gramado, no parque e na sala multimídia.

⁵² Território de aprendizagem são: “(...) espaços físicos localizados dentro da EMEI Nelson Mandela e fora dela, nos quais acontecem as atividades de rotina que conferem unidade aos trabalhos pedagógicos de toda a escola”. Trecho retirado do Projeto Político Pedagógico, da EMEI Nelson Mandela.





Durante esses momentos, observamos e incentivamos as crianças a dançar. Dançamos junto com elas, conversamos e fizemos registros por meio de fotos, pequenos vídeos e anotações escritas ou gravadas em áudio. A maioria das crianças demonstrou familiaridade com diferentes tipos de danças, especialmente aquelas produzidas a partir da música popular brasileira contemporânea, como o sertanejo e o funk.

As crianças demonstraram suas gestualidades e dançaram na maior parte do tempo separadas. Algumas meninas e apenas dois meninos dançaram de mãos dadas. A participação do grupo flutuou conforme as músicas, alguns ritmos interessavam e reuniam um número maior de crianças, outros faziam as crianças se dispersarem pelos espaços. Poucas crianças não dançaram e muitas correram e empurraram umas às outras enquanto dançavam.

Em um dos primeiros dias, quando dançávamos na quadra, propusemos uma brincadeira em roda, em que uma criança fazia um gesto ou movimento de dança e todo mundo imitava. A brincadeira durou algum tempo e as crianças ficaram bastante envolvidas. Após dançarem livremente e realizarem essa brincadeira, tivemos uma roda de conversa e registramos as seguintes falas:

Alice: O que vocês gostam de dançar? Muitas crianças: Funk.

Algumas crianças: Criança não pode dançar funk!

Algumas crianças: Criança pode dançar funk.

Alice: Criança dança funk?

Várias crianças: sim

Alice: E os adultos dançam funk?

Várias crianças: Sim.

Alice: Existem vários jeitos de dançar, diferentes tipos de música?

Crianças: Sim.

Algumas mostraram alguns jeitos

Alice: Quando tocou aquela música de Gilberto Gil que ele cantava assim “Aquele abraço”, uma criança dançou de um jeito específico. Que dança era aquela?

Criança 1: Era samba!

Criança 2: Prô coloca o samba da mangueira pra gente dançar?

Criança 3: O agogô é do samba!

Alice: Léo, você quer perguntar alguma coisa?

Léo: As músicas que dançamos são iguais ou diferentes?

Algumas crianças: Diferentes.

Outras crianças: Iguais.

Léo: Vocês falaram que teve samba? E o que mais?

Várias crianças: Jeniffer.

Léo: Jeniffer é o que?

Criança 4: Teve Simone e Simaria.

Léo: Simone e Simaria é o que?

Crianças: Sertanejo.

Léo: Alguém não dançou?

Criança 5: Eu não dancei samba, eu não gosto.

Léo: Por que a gente dança?

Criança 6: Por que a gente gosta.

Criança 7: Por que a gente fica feliz.

Léo: Então as pessoas dançam quando estão alegres?

Criança 8: Não, eu danço quando eu tô triste.

Léo: Sério, você dança quando tá triste? Alice: Quem dança seus males espanta. Criança 4: Prô, põe aquela música da onda pra gente dançar.

A professora Alice colocou a música “onda, onda (olha onda)”, do grupo Tchakaum e ficamos surpresos com o grande número de crianças interessadas e dançando a música que é de outra geração. Com a proximidade do horário retornamos para sala ainda ouvindo e dançando essa música..

Na semana seguinte, optamos por realizar novamente a brincadeira da imitação, com mais tempo e possibilidade. A proposta foi realizar uma roda e dançar em grupo, os primeiros momentos livremente, depois com a indicação de repetir o gesto ou forma de dançar uns dos outros. Indicávamos uma criança por vez, e as demais eram convidadas a dançar como o/a colega.

Nesse momento, crianças que na semana anterior não se sentiram confortáveis para fazer os movimentos e serem imitados pelo grupo, estavam mais à vontade e participaram ativamente da brincadeira. Após todos e todas participarem, algumas crianças pediram para fazer estátua, então acolhemos o pedido e iniciamos a atividade que se prolongou com a participação de várias crianças até o final. Ao final, conversamos em roda:

Léo: Vocês estavam dançando ou brincando?

Algumas crianças: Dançando.

Algumas crianças: Brincando.

Criança 1: Primeiro dançando, depois brincando.

Léo: Estátua é dança ou brincadeira? Algumas crianças: É dança.

Algumas crianças: É brincadeira.

Criança 2: É uma brincadeira de dança.

Léo: Os movimentos que vocês estavam fazendo antes da estátua eram de dança? Várias crianças: Sim.

Leo pediu para uma criança mostrar um movimento que havia feito.

Léo: Isso é dança?

Algumas crianças: É Hip Hop, Léo.

Léo pediu para outra criança realizar um movimento que havia realizado.

Algumas crianças: É samba.

Criança 3: O meu era Rock in roll (levanta e mostra o gesto balançando a cabeça).

Criança 4: também fizeram passinho, prô. Algumas crianças começaram a cantar.

Léo: nessa música como é a dança?

Várias crianças: funk.

Para o encontro seguinte, selecionamos músicas nos estilos que as crianças mais mencionaram até o momento (funk, rock, samba, hip hop) com a intenção de dançar e identificar mais significações das crianças sobre essas danças. Em virtude do tempo chuvoso realizamos a dança na sala. Quando colocamos as músicas para as crianças dançarem, aconteceram muitas coisas. Algumas crianças dançaram, outras se empurraram e brincaram de lutas. Passos, gestos, barulho, crianças dançavam juntas, separadas, crianças corriam... Novamente, as mudanças de ritmos incentivaram as mudanças nas gestualidades e as expressões das crianças, algumas músicas elas cantavam outras não. Depois de um tempo voltamos para roda de conversa

Alice: Vocês já foram a uma festa?

Várias crianças: Sim.

Alice: Nessa festa vocês viram as pessoas dançando?

Algumas crianças: Sim.

Alice: E as pessoas se machucaram quando estavam dançando?

Algumas crianças: Sim.

Algumas crianças: Não.

Várias crianças começam a falar ao mesmo tempo e a professora institui um objeto para organizar a ordem das falas. Só quem poderia falar é quem estivesse segurando o objeto.

Criança 1: Eu já fui em uma festa e as pessoas não se machucaram na dança. Criança 2: Eu também, na festa ninguém se machucou.

Criança 3: Eu vi uma festa que se machucou quando tava dançando.

Léo: Lembra que outro dia vocês disseram que as pessoas dançam quando estão alegres ou quando estão tristes?

Várias crianças: Sim.

Léo: E como está a dança em nosso grupo? Criança 1: Legal.

Criança 4: Devagar.

Léo: Alguém se machucou quando a gente estava dançando?

Criança 5: Eu machuquei quando fiz a estrelinha.

Criança 6: Eu me machuquei quando fiz um mortal.

Léo: E nossa dança era para se divertir ou se machucar?

Várias crianças: Se divertir.

A partir desses acontecimentos, resolvemos selecionar vídeos de diferentes pessoas e grupos dançando em lugares e situações diversas, para comparar e problematizar com as crianças as representações enunciadas até o momento. Fomos ao espaço multimídia e logo que os vídeos iniciaram, as crianças começaram a assistir e dançar também. A professora incentivou as crianças a perceberem as formas de dançar e tentar repetir os passos. Algumas crianças continuavam correndo, empurrando e se jogando no chão. Intervimos com uma criança porque estava empurrando muito forte e outras crianças reclamaram. Perguntamos por que estava empurrando e se não conhecia outra forma de dançar, mas ele não quis conversar, apenas sentou-se no canto e ficou um tempo sem participar.

Num segundo momento, propusemos assistir aos vídeos sentados, apenas observando como as pessoas estavam dançando. As crianças concordaram, mas algumas não conseguiram ficar sentadas e as que conseguiram, movimentavam os corpos de outras formas. Perguntamos se foi difícil assistir ao vídeo sem dançar e porque algumas crianças não conseguiram ficar sentadas e sem mexer o corpo, mas as crianças não repercutiram a conversa. Com o início de mais um vídeo, que mostrava diferentes pessoas realizando os mesmos movimentos, as crianças se levantaram e dançaram novamente, repetindo os movimentos com grande envolvimento. Após esse momento, encerramos a atividade.

No encontro seguinte, selecionamos desenhos diversos de pessoas realizando gestos e movimentos. Fomos ao território de aprendizagem de artes plásticas e as crianças foram convidadas a experimentarem esses movimentos. Após explorarem as possibilidades e expressividades de seus corpos, foi sugerido que as crianças realizassem uma obra tridimensional com papel alumínio, tendo como referência os modelos dos desenhos.





Em outro encontro, no qual a proposta também foi assistir vídeos, mais uma vez as crianças assistiram e dançaram junto, tentando imitar aquilo que estavam vendo. Desta vez, fizemos mais intervenções para as crianças conseguirem ver, dançar e falar sobre o que estavam vendo. Uma criança que, de maneira geral, nos outros encontros se mostrava mais quieta, no momento da dança contemporânea, imitou os gestos e movimento do dançarino, o vídeo inteiro.

Ao final dos vídeos pedimos para as crianças falarem sobre o que viram ou mostrar um gesto/passo que tenham visto e “aprendido” com os vídeos. A professora chamou uma criança por vez para falar ou mostrar, enquanto as demais permaneciam sentadas em roda e observavam e comentavam sobre o que as colegas estavam falando ou mostrando. Uma criança disse que sabia dançar frevo e que tinha uma sombrinha de frevo. A professora perguntou se ela gostaria de mostrar, ela disse que sim, mas quando estava no meio da roda e os colegas gritaram seu nome em coro, ela não dançou.

No dia seguinte, realizamos um registro na sala de convivência. As crianças foram incentivadas a lembrar das danças que conhecemos nos últimos encontros e convidadas a registrar pessoas dançando. Durante a tematização, nos momentos de registros, ficou cada vez mais evidenciado o quanto a cultura corporal vinha afetando os desenhos das crianças. Uma vez que as experimentações com seus corpos vinham ampliando seus repertórios de gestualidades e de autoconhecimento em relação às suas possibilidades expressivas, isso refletiu também na expansão das maneiras de registrar corpos e seus movimentos.



Nesse mesmo dia a criança que havia comentado sobre o frevo, levou a sombrinha para mostrar ao grupo e dançou. Depois, deixou com que as outras crianças experimentasse a sombrinha. Ao final, uma criança disse: “A gente tem que fazer uma festa!”



Por conta desse acontecimento e da mobilização da turma diante dele e considerando que até o momento o frevo não havia aparecido nas conversas e gestualidades expressas, apesar de muitas crianças serem ou terem familiares de origem nordestina, resolvemos caminhar com a tematização focalizando o frevo.

A partir desse momento, reorientamos os objetivos da tematização para: a) vivenciar o frevo e b) ampliar e aprofundar conhecimentos do frevo e sobre as pessoas que dançam frevo. Para tanto, as ações propostas na sequência desse episódio foram leituras de imagens e experimentação de gestualidades relacionadas ao frevo.

Selecionamos imagens de pessoas dançando frevo, mostramos para as crianças e conversamos sobre elas, depois espalhamos as imagens pela quadra e organizamos as crianças em duplas. Pedimos para que elas fossem até as imagens, visualizassem e tentassem fazer os gestos e orientamos para que umas ajudassem as outras.

Uma criança sugeriu utilizar a sombrinha da colega na atividade, mas a como não era possível, aconselhamo-la a utilizar a imaginação. A criança insistiu dizendo que podiam dividir para que todo mundo pudesse brincar com a sombrinha um pouco, ainda assim, optamos em não utilizar, pois eram vinte e cinco crianças participando e apenas uma sombrinha. Além disso, a dona do objeto não estava na turma nesse dia.





Depois de algum tempo, reunimos o grupo no centro da quadra e falamos sobre a atividade. A maioria das crianças expressou facilidade e satisfação em realizar os movimentos, falaram sobre o gesto que conseguiram realizar e começaram a demonstrar. Então trouxemos as imagens para o centro da roda, colocamos um frevo para tocar e incentivamos as crianças a demonstrar e dançar. Também dançamos e demonstramos alguns passos para as crianças



Para o encontro seguinte, fizemos uma busca de materiais na internet e adquirimos para a escola o livro *Desvendando a orquestra de frevo*, de autoria de Marcio Coelho e Ana Favaretto. O material contém ilustrações e informações sobre a história, principais características e instrumentos que constituem esse gênero musical genuinamente brasileiro. Para acessá-

-lo, recorreremos a uma estratégia presente no projeto da escola, o livro foi enviado para o grupo pelo Henrique Abayomi⁵³, que ficou sabendo do interesse do grupo pelo frevo e como tinha aquele livro resolveu emprestá-lo para turma Elza Soares.



Levamos para a sala o boneco de pano com o envelope encaixado nos braços, logo que ele entrou as crianças reagiram com surpresa e animação e disseram:

⁵³ Um dos personagens da família Abayomi. São bonecos de pano que moram na escola e ganham vida quando não há ninguém vendo. A comunidade lhes atribui um papel importante no projeto da EMEI, especialmente, nas práticas pela igualdade racial e de gênero. Azizi, príncipe sul-africano e Sofia, brasileira, são casados e tem o filho Henrique e a filha Dayó que são gêmeos. Eles formam uma família multiétnica, cheia de histórias e memórias potentes para discutir o racismo, o preconceito etc. (ver foto)

Criança 1: Prô, o Léo tá com o Henrique.

Criança 2: Tem uma coisa na mão do Henrique.

Criança 3: Tem uma carta pra gente.

Alice: Nossa, o que será que o Léo tá fazendo aqui com o Henrique? Será que

é alguma coisa pra gente?

Criança 4: É pra gente Léo?

Léo: Encontrei o Henrique com o envelope na mão e tem escrito para o grupo Elza.

Várias crianças: É a gente.

Várias crianças: Grupo Elza Soares.

Léo: Aqui é o grupo Elza?

Crianças: Sim.

Léo: Então deve ser para vocês.

Criança 5: Onde o Henrique estava?

Léo: Lá na casa dele.

Alice: Vamos fazer uma roda lá no anexo para ver essa carta do Henrique.

Sáímos da sala para o território de aprendizagem chamado de anexo, algumas crianças tentavam arrancar o boneco e pegar o envelope no caminho e na chegada ao espaço disputaram para sentar-se ao nosso lado e do boneco e para pegar a carta e o envelope. Após alguns minutos de formação da roda...

Alice: Léo, você pode ler a carta pra gente?

Algumas crianças: “Deixa eu ler”; “Eu quero ler”; “Eu”.

Léo: Vocês conseguem ler?

Crianças: Sim.

Crianças: Não.

Criança: Grupo Elza Soares

A criança que estava ao nosso lado simulou a leitura. Então, fizemos a leitura apontando com o dedo onde estávamos lendo e a criança foi repetindo. A cada passagem da carta paramos para comentários.

Alice: Nossa! Como será que o Henrique descobriu que o nosso grupo estava interessado pelo frevo?

Criança 6: Ele deve ter visto a gente dançando.

Algumas crianças falaram que ele deve ter visto a sombrinha que uma das crianças levou para escola.

Criança 3: Ele sabe tudo que acontece aqui na escola.

Criança 7: Ele só ganha vida quando não tem ninguém vendo.



Em um trecho da carta havia a seguinte afirmação “eu adoooro dançar frevo” e logo uma criança expressou “*não pode, só pode adorar o Senhor*”. A fala aconteceu em meio a outras falas e conversas paralelas e não foi percebida inicialmente. Quando o trecho foi repetido...

Criança: Só pode adorar a Deus. (com a feição brava).

Léo: Quando o Henrique disse que “adora frevo” ele está falando que ele gosta muito de ouvir e dançar frevo e que ele fica muito animado e feliz e gosta muito de dançar. Entenderam?

Várias crianças: Sim.

A expressão da criança que fez a fala mudou e pareceu entender o sentido do que estava sendo dito. Como a fala não repercutiu para o grupo, seguimos com a leitura da carta. Na carta, Henrique dizia que tinha um

livro sobre frevo e estava emprestando para turma. Depois de um rápido momento de puxa e estica para abrir o envelope, uma criança passou na roda mostrando a carta para as demais e outra passou mostrando o livro. Até chegar a professora Alice que começou a fazer a leitura e mostrar as ilustrações.

Criança: É um trompete.

Alice: Nossa, tem gente que acha que é um trompete esse instrumento, que legal!

Depois de falar sobre os autores do livro e mostrar a página com a foto deles, continuou a leitura. Na foto onde havia a imagem da cidade do Recife as crianças disseram que era Rio de Janeiro, então a professora perguntou para uma criança que conhecia o Rio e ela disse que não era a cidade. Quando falou do significado/origem da palavra frevo, que vem de ferver, perguntou se as crianças sabiam o que era ferver.

Criança 1: É quando esquenta a comida.

Criança 2: É uma coisa muito quente.

Criança 3: É quando a comida queima.

Criança 4: Quando bota no fogo.

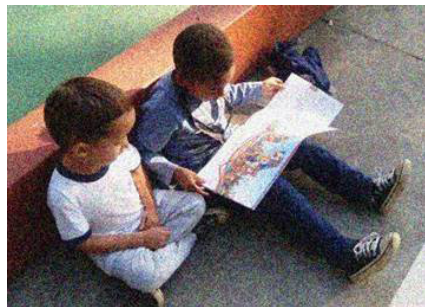
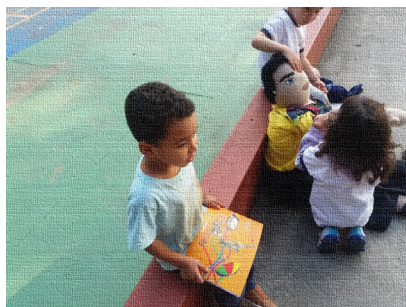
Criança 5: Quando ferve sai bolinha pulando.

A professora leu o trecho do livro e indicou a relação do ferver com a localidade de origem do frevo ser um local quente.

Alice: Olha, aqui fala sobre a sombrinha também. Por que vocês acham que usa a sombrinha no frevo? Será que eu devo contar pra eles Léo?

Léo: Será que eles querem saber?

Crianças: Sim.



Lemos o trecho que menciona a relação do frevo com os capoeiristas, e simulamos a história com movimentos. Depois as crianças pediram para dançar na quadra e fomos com o grupo dançar. Algumas crianças dançaram junto conosco, outras corriam e brincavam de outras coisas, algumas olhavam o livro. Depois de um tempo nos reunimos em roda para algumas crianças que estavam dançando relembrando muitos passos aprendidos até então, mostrarem os passos que aprenderam aos colegas. Nesse momento, sugerimos que elas ensinassem os passos aos colegas.

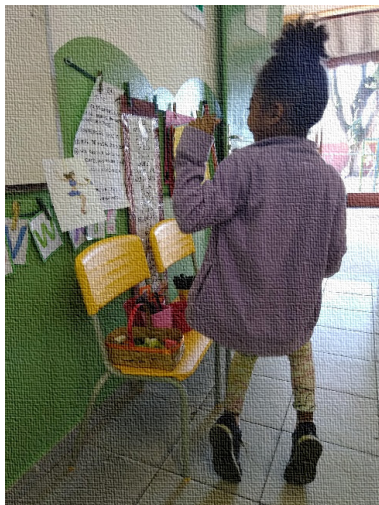


Em seguida voltamos para sala e na roda perguntamos se as crianças gostaram do livro, se íamos devolver ou pedir ao Henrique para continuar mais uns dias com ele. As crianças quiseram ficar mais dias com o livro, então sugerimos que fizéssemos um bilhete para o Henrique con-

tando como foi a atividade com o grupo Elza e pedindo para ficar mais um tempo com o livro.

Para a semana seguinte, programamos uma atividade de registro que consistia na produção de uma arte (desenho e colagem) tendo como referência as imagens utilizadas na atividade na quadra e colocamos espelhos para que as crianças pudessem ver a própria imagem corporal. Dispusemos as imagens coladas nos espelhos e disponibilizamos o caderno de registro, lápis de cor, hidrocor, giz de cera e recortes de papel coloridos em formatos parecidos aos da sombrinha de frevo.





No próximo encontro, nossa roda de conversa dedicou-se a organizar um momento de pesquisa. As crianças já haviam mencionado interesse de perguntar para as pessoas na rua sobre o frevo. Algumas crianças falaram sobre o perigo de ir para rua, uma citou o jornal de uma emissora de televisão e a orientação da mãe. Outra disse que por estar com os professores não tinha perigo. Explicamos os cuidados que teríamos e que as crianças não precisavam se preocupar, pois as famílias saberiam que elas iriam e teriam que autorizá-las a sair da escola e explicou que nesse caso, seria seguro sair da escola, pois as crianças estariam na rua na companhia de pessoas adultas. Após esse momento, perguntamos o que era uma pesquisa.

Criança 1: Descobrir alguma coisa.

Criança 2: Pesquisar na internet.

Criança 3: Quando a gente faz uma pesquisa a gente vai pesquisar para descobrir alguma coisa.

Criança 4: Dançar samba.

Criança 5: Dançar o frevo.

Alice: Léo, já que você também é um pesquisador, você pode falar um pouco sobre pesquisa para as crianças?

Léo: As crianças já falaram muitas coisas sobre fazer pesquisa. Eu concordo com elas, as pessoas fazem pesquisa para conhecer mais sobre as coisas, para aprender. E dá para fazer isso de muitas formas, usando a internet, usando os livros e também perguntando às pessoas, e também dançando e vendo como as pessoas dançam.

Alice: Já que nós já decidimos que queremos fazer nossa pesquisa. perguntando para as pessoas na rua, que perguntas nós vamos fazer?

Crianças: Sobre o frevo.

Criança 1: Se ela sabe dançar frevo.

Criança 2: Se ele conhece o frevo.

Criança 3: Se dança frevo.

Criança 4: Pra ela dançar frevo.

Alice: Lembra que não podem ser muitas perguntas? Por que as pessoas estarão na rua e podem estar ocupadas, podem estar com pressa. Como vocês acham que a gente deve fazer?

Criança 6: Pode pedir para a pessoa parar Criança 7: Pode pedir, por favor.

Criança 8: Bom dia, você pode responder nossa pesquisa?

Criança 9: Você sabe dançar frevo? Você pode dançar?

Léo: Será que as pessoas vão querer dançar frevo na rua?

Criança 10: Se elas ficarem com vergonha não precisa.

Criança 11: A gente pode dizer para as pessoas que se elas tivessem vergonha não precisa dançar.

Alice: O que vocês acham de perguntar sobre aquela dúvida que nós tivemos quando vimos o livro sobre o lugar onde surgiu o frevo? Será que é legal a gente perguntar sobre isso?

Crianças: Sim, é legal.

Léo: Por que vocês querem saber se as pessoas sabem dançar frevo? Como isso vai ajudar o grupo Elza a saber mais sobre o frevo?

Alice: Se as pessoas disserem que não sabem dançar, o que vai acontecer?

Criança 12: A gente ensina.

Criança 13: É, a gente pode ensinar. Criança 14: A gente pode mostrar as fotos pra elas e ensinar.

Algumas crianças levantam e começam a fazer os passos e dançar.

Alice: Então vocês vão ensinar para as pessoas se elas não souberem?

Crianças: Sim.

Para a saída, dividimos a turma em três grupos, dois ficavam na sala com a professora de módulo, enquanto um fazia a saída conosco. Antes de sair recordamos os combinados de segurança, as perguntas e o cuidado ao abordar as pessoas. Saímos com o primeiro grupo de crianças, caminhamos em direção ao local onde pretendíamos ir, mas no caminho uma criança abordou uma pessoa para fazer as perguntas e nós surpresos com a ação, mas atentos ao acontecimento, incentivamos a atuação da criança, que acarretou na ação de outras crianças também começarem a abordar as pessoas que caminhavam pela calçada. Fomos observando, registrando e auxiliando as crianças com as abordagens e as perguntas.



Com o primeiro grupo, propusemos fechar os cadernos depois que fizessem a pergunta para uma pessoa. Em virtude disso, esse primeiro grupo foi bem tranquilo com as abordagens e perguntas, o momento marcante foi a abordagem em um mercadinho próximo da escola e a interação do dono deste comércio, que além de responder as perguntas, dançou um pouco para as crianças e presenteou com bombons na saída.



O segundo grupo foi mais eufórico com as abordagens. Uma criança também se dirigiu para uma pessoa que estava na porta da oficina mecânica e quando as outras crianças viram, também começaram abordar as pessoas na calçada. Desta vez, não sugerimos dobrar o caderno após fazer a entrevista com uma pessoa, e as crianças continuaram perguntando. Ao chegar à esquina, todas as crianças já haviam realizado a pesquisa com mais de uma pessoa, mesmo assim decidimos atravessar a rua e retornar por outra calçada. As crianças desse grupo estavam mais agitadas e eufóricas com a pesquisa e corriam até as pessoas. No retorno, já na calçada da

escola, as crianças ainda corriam atrás de pessoas para perguntar, sendo necessário até conversar com elas para não correrem para longe de nós.



Na saída do terceiro grupo, Marina (coordenadora) foi junto. Nós levamos os cadernos para chegar até a comunidade da Paz que fica muito próxima à escola e onde parte das crianças mora. Ao chegarmos no local, algumas crianças foram reconhecidas por familiares, amigos e amigas. A avó de uma delas reconheceu seu neto e se dispôs a participar da pesquisa, deixando-os muito feliz com esse encontro. Andamos pela região conversando com as pessoas e realizando a pesquisa.





Depois que todas fizeram as perguntas, uma criança pediu para ir até o local onde a mãe trabalha em um bar/restaurante, bem próximo do local onde estávamos. Como havia tempo, fomos até o local. A mãe da criança ficou surpresa ao vê-la e o encontro deixou todo mundo animado. Retornamos à escola por outro caminho, onde algumas crianças moram e conhecem, passando por dentro do estacionamento de um supermercado do bairro. A exploração da rua e o tempo com esse último grupo foram bem maiores que os primeiros.

No encontro seguinte conversamos sobre a pesquisa, na sala de convivência, em uma roda de conversa.

Alice: O que vocês acharam da nossa pesquisa?

Crianças: Gostei.

Criança 1: Eu gostei.

Criança 2: A gente pode fazer outra vez?

Criança 3: A gente perguntou no mercadinho.

Alice: O que as pessoas disseram mais, que elas sabiam ou não dançar frevo?

Crianças: Sim.

Crianças: Não.

Alice: Eu vi mais pessoas respondendo não. E você Léo?

Léo: Eu também vi mais pessoas dizendo que não. E alguma pessoa dançou frevo?

Crianças: Não.

Criança: Sim, o moço do mercadinho.

Alice: É verdade, o moço do mercadinho falou que sabia e dançou um pouco.

E a segunda pergunta, o que as pessoas mais responderam?

Crianças: Bahia

Crianças: Pernambuco

Criança: Meu avô disse que é Pernambuco prô.

Alice: Léo, você pode olhar no livro se tem alguma informação?

Léo: Olha só, aqui no livro nessa página que algumas crianças acharam que era o Rio de Janeiro diz assim: “os pernambucanos dançam frevo”

Crianças: Pernambucanos???

Léo: Sim. Vocês sabem quem são os pernambucanos?

Criança: A pessoa que dança frevo.

Crianças: Não

Léo: Os Pernambucanos são as pessoas que nasceram em Pernambuco, que é outro estado. Vocês sabem onde é Pernambuco?

Crianças: Não

Alice: Léo, onde é mesmo que você nasceu?

Léo: Bahia

Alice: É o mesmo lugar onde a família de Julia nasceu.

Léo: A Bahia é mais perto de Pernambuco que de São Paulo.

Léo: Vocês lembram que uma pessoa perguntou se vocês iam voltar para contar o resultado da pesquisa?

Crianças: Não.

Alice: É mesmo, a moça do mercadinho. Depois a gente pode conversar e ver se é possível voltar lá.

Alice: é mesmo, a moça do mercadinho. Depois a gente pode conversar e ver se é possível voltar lá.

Finalizamos a conversa e deixamos as crianças explorarem o espaço multiuso. As rodas de conversa são sempre desafiadoras, estimular as crianças a falar sobre o assunto em pauta, ouvir os/as colegas, aguardar a vez para falar, ouvir falas sobrepostas, conversas paralelas, conter os corpos infantis sentados, quietos por algum tempo etc. Nenhum dos diálogos registrados anteriormente ocorreu sem ruídos e atravessamentos vários, entre eles, as intervenções docentes para produzir momentos de silêncio e escuta e para fazer circular o direito às falas e participação de todas as crianças.

Com o encerramento do primeiro semestre, pensamos como atividades finais a visita de um representante do frevo para conversar com as crianças. Tentamos contato com duas pessoas conhecidas que trabalham com dança e frevo, mas não conseguimos concretizar essa atividade. Então, decidimos adquirir sombrinhas de frevo. Assim que nos sentamos na roda algumas crianças falaram:

Criança 1: É guarda-chuva do frevo.

Criança 2: O Léo trouxe o guarda-chuva do frevo pra gente.

Alice: Léo, o que você trouxe para o grupo hoje?

Léo: O que vocês acham que tem aqui nesse saco?

Criança 3: guarda-chuva do frevo.

Criança 4: É sim, eu estou vendo.

Léo: Será que é isso? Vocês lembram por que usa a sombrinha no frevo?

Crianças: Pra dançar.

Léo: Vocês lembram que a prô Alice leu no livro sobre a sombrinha?

Crianças: Sim

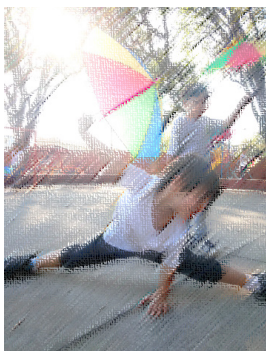
Crianças: Não

Alice: Lembra que até a gente fez uma simulação quanto eu estava lendo? Primeiro a sombrinha teve o papel de proteção, depois virou um objeto para a dança.

Criança 5: A gente pode levar pra casa?

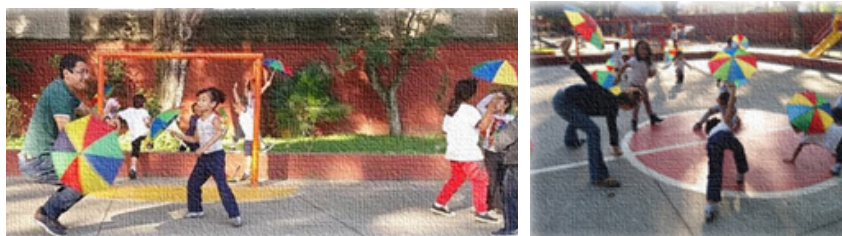
Alice: Essas sombrinhas são como os brinquedos da brinquedoteca, precisam ficar na escola para todas as crianças terem direito de usar, e todo mundo precisa ter cuidado para não estragar.

Solicitamos ajuda ao grupo de trabalho (grupo de crianças responsável por algumas tarefas no dia), para distribuir os objetos, as crianças ficaram entusiasmadas quando viram que eram mesmo as sombrinhas. Assim que receberam levantaram e passaram a explorar, abrindo, fechando e dançando com a sombrinha. Colocamos músicas e deixamos as crianças experienciarem livremente o objeto. As crianças experimentaram de várias e interessantes formas, a maioria delas usou para dançar, algumas em algum momento para bater no/a colega, jogar para cima e correr atrás brincando com o vento.



Nesses momentos precisamos intervir falando sobre a importância dos cuidados com os objetos coletivos e com as pessoas que poderiam se machucar com o tipo de movimento que estavam fazendo.

A todo tempo as crianças nos convocavam para mostrar o que estavam fazendo, como sabiam usar, dançar e como estavam se divertindo com o objeto. Com a música tocando, fomos incentivando as crianças a realizarem movimentos e o grupo a imitar. Algumas crianças logo apareceram com a sombrinha quebrada, ajudamos no “concerto” e relembramos o cuidado com o material. Realizamos essa vivência duas vezes, em semanas diferentes, com aproximadamente trinta minutos cada e as crianças correram, dançaram, brincaram, pularam, interagiram entre si e com o objeto.



A festa da escola estava se aproximando, conversamos com as crianças e propusemos experimentar inserir os passos de frevo na dança que fariam para a música da cantora Elza Soares. Pesquisamos bastante até que encontramos uma música da artista que proporcionaria a criação da coreografia com os passos do frevo.

Os encontros seguintes se basearam na criação da dança. Incentivávamos e convidávamos as crianças a dançar ao som da música “Pulo, pulo”, de Elza Soares, inserindo elemento do frevo. As crianças sugeriam passos e a professora organizou as ideias das crianças dentro do tempo da música. Foi possível perceber que seria um grande desafio para as crianças, a inserção de muitos passos do frevo, pois apesar de elas terem se aproximado bastante da manifestação cultural, conseguir realizar os passos no tempo da música é bastante desafiador.

Assim, na coreografia foram inseridos pulos, agachamentos, roda com todo mundo e dois passos do frevo que avaliamos que seria um desafio real e possível para as crianças, o *ferrolho* e *passa-passa* em cima.

Os últimos encontros antes da festa foram constituídos de momentos de ensaio da dança. Aos poucos as crianças foram se apropriando cada vez mais dos passos e superando o maior desafio que era passar a sombrinha por baixo da perna. No dia da festa, ao apresentar a trajetória do grupo em relação ao frevo e ao projeto didático da escola, lemos para o público o seguinte:

Durante esse semestre conhecemos músicas cantadas pela diva brasileira Elza Soares e alguns aspectos de sua história. Seu talento, sua cidade natal, sua garra e força para lidar com as adversidades da vida. Assim, optamos por homenageá-la com um elemento especial: o frevo. Sabemos que Elza iniciou sua carreira e até os dias atuais canta samba. Porém, como em cultura corporal conhecemos o frevo, resolvemos aproximar essa manifestação corporal - tão querida pelas crianças - à vida de Elza Soares, buscando ressignificar essa dança. Incorporamos alguns passos do frevo e o guarda-chuva, principal acessório usado nessa dança, na música PULO PULO, do álbum ELZA PEDE PASSAGEM.

Com vocês, grupo Elza Soares!

Trecho escrito e lido pela professora Alice Gomes Signorelli como introdução da apresentação do grupo Elza Soares no dia da Festa na escola em 17/08/19.

Consideramos que apesar de ainda termos algumas possibilidades para continuação da tematização, como, uma instalação do lado de fora da escola com informações sobre o frevo e/ou uma apresentação de dança na calçada da escola, com o objetivo de responder à comunidade sobre a pesquisa realizada no decorrer dos encontros, o momento da festa em que as crianças dançaram o frevo ao som de Elza Soares, marcou, de maneira especial, a conclusão da tematização.



**DANÇANDO E FREVENDO COM A
TURMA ELZA SOARES**

**Alice Signorelli e Leonardo Duarte
GPEF-FEUSP**

Para assistir ao vídeo que registrou essa experiência, clique [aqui](#).